



Uma primeira história da Gramática Funcional

A first history of Functional Grammar

J. Lachlan MACKENZIE¹

RESUMO: Neste artigo² é contada a história da Gramática Funcional desenvolvida por Simon C. Dik (1940-1995), da Universidade de Amsterdã, e seus colegas. A apresentação cobre a gênese da teoria, seu reconhecimento internacional, o falecimento precoce de seu fundador e protagonista principal, bem como o legado de Dik para a linguística atual, incluindo a emergência de uma teoria sucessora na forma da Gramática Discursivo-Funcional. O presente artigo avalia a recepção da GF na linguística, enfatizando sua abertura à incorporação de ideias de outras fontes, bem como sua contribuição para a teoria linguística e prática descritiva.

PALAVRAS-CHAVE: Simon C. Dik. Gramática Funcional. Funcionalismo. História da linguística. Gramática Discursivo-Funcional

ABSTRACT: The history is told of Functional Grammar (FG), as developed by Simon C. Dik (1940-1995) of the University of Amsterdam and his co-workers. The presentation covers the genesis of the theory, its international recognition, the early death of its originator and main protagonist as well as Dik's *Nachleben* in current linguistics, including the emergence of a successor theory in the form of Functional Discourse Grammar. The article assesses FG's reception in linguistics, emphasizing its openness to incorporating ideas from other sources, and evaluates its contribution to linguistic theory and descriptive practice.

KEYWORDS: Simon C. Dik. Functional Grammar. Functionalism. history of linguistics. Functional Discourse Grammar

123

Introdução

A Gramática Funcional, normalmente abreviada por GF, foi desenvolvida pelo linguista holandês Simon C. Dik (1940-1995) e seus colegas. O centro geográfico para a GF era Amsterdã, embora tenha sido praticada em diversos outros lugares ao redor do mundo. O uso do tempo passado nas sentenças anteriores se justifica pelo fato de que a GF não é mais ativamente aplicada, embora seus reflexos na linguística ainda podem muito bem ser notados, como se verá adiante. Diversas outras abordagens à análise linguística também empregaram o rótulo “Gramática Funcional”: Halliday e Matthiessen (2013) utilizam o nome Gramática

¹ VU Amsterdam, Faculty of Humanities, Language and Communication, De Boelelaan 1105, 1081 HV Amsterdam, Holanda. E-mail: lachlan_mackenzie@hotmail.com

² Este artigo é uma tradução realizada por George Henrique Nagamura de ‘A first history of Functional Grammar’ publicado em: Assunção, Carlos; Fernandes, Gonçalo; Kemmler, Rolf (Orgs.), *History of Linguistics 2014*. Selected papers from the 13th International Conference on the History of the Language Sciences (ICHoLS XIII), Vila Real, Portugal, 25-29 August 2014, Amsterdã: John Benjamins, 2016. p. 233-246. Mais informação sobre esse livro se encontra em <https://www.benjamins.com/#catalog/books/sihols.126/main>.



Funcional para sua gramática no interior da Linguística Sistemico-Funcional (LSF); diversos pesquisadores espanhóis, mais notavelmente Emilio Alarcos Llorach (1922-1998), propuseram uma gramática funcional (ALARCOS LLORACH, 1972); Bondarko (1991) aplicou uma “gramática funcional” a dados do russo; e Martinet (1979) desenvolveu uma *grammaire fonctionnelle* do francês. Todas essas abordagens são distintas da GF e não devem ser confundidas com ela, bem como não deve haver confusão com a Gramática Léxico-Funcional (GLF), a variante da Gramática Gerativa, desenvolvida por Bresnan (2001).

Esta é uma primeira tentativa de contar a história de vida da GF, embora contribuições valiosas possam ser encontradas em Anstey (2004), Butler (2003) – que compara a GF com a LSF e a Gramática de Papel e Referência – García Velasco (2003) e Siewierska (1991)³. O presente artigo inicia com o jovem Simon Dik, traçando seu primeiro interesse em funcionalismo linguístico e sua primeira menção de uma gramática funcional. Prossegue-se, então, ao período de incubação que levou à sua obra de 1978, *Functional Grammar* ‘Gramática Funcional’, que serviu de base para o crescimento e institucionalização da GF nos anos 80. Novas ideias surgiram, resultando, em 1989, na Parte I de uma obra em dois volumes, cuja segunda parte teve sua publicação póstuma em 1997. O artigo encerra recontando o declínio da GF e a ascensão da Gramática Discursivo-Funcional, avaliando o estado atual da GF e oferecendo uma conclusão breve.

Simon C. Dik como jovem acadêmico nos anos 60

Após obter seu primeiro diploma em línguas clássicas, Dik embarcou por volta dos seus 25 anos, uma idade incomum naqueles tempos, em sua tese de doutorado em linguística geral, sob supervisão de Anton Reichling (1898-1986). Reichling foi um dos principais representantes da “velha escola” da linguística holandesa e, na época, estava envolvido em embates frequentemente calorosos com as primeiras incursões da Gramática Gerativa na academia holandesa. Nesses tempos, Reichling claramente influenciou o pensamento do jovem Dik, mas também permitiu que ele explorasse livremente a literatura internacional, incluindo trabalhos em Gramática Gerativa e Funcionalismo europeu. Essa política de encorajamento de ampla leitura veio a caracterizar o trabalho posterior de Dik como professor, recepcionando abertamente diversas outras correntes linguísticas em seu ambiente de trabalho e orientando teses com enquadramentos teóricos variados.

A primeira menção de Dik da palavra “funcionalismo” ocorre em uma resenha de 1967 de um trabalho do pesquisador tcheco Josef Vachek (1909-1996). A respeito do ditongo /ɔi/ em inglês, Vachek (1966, p. 71) havia comentado que ele ocorre principalmente em palavras de origem estrangeira:

A única exceção disso, a palavra *boy*, é provavelmente também de origem francesa, mas se tornou perfeitamente domesticada; a presença de /ɔi/ nela, contudo, pode ser justificada por um forte tom emotivo, uma característica muito frequente nessa palavra.

Dik (1967, p. 88), responde: “Talvez para falantes nativos do inglês, isso seja convincente; para nós, essa ‘justificação’ parece um claro sacrifício de Fatos em favor do

³ De Groot e Hengeveld (1996) foi de extrema utilidade para a bibliografia; Kooij (2002) oferece um obituário informativo de Simon C. Dik.



Funcionalismo”. A mensagem de Dik é de que explicações funcionais não podem ser invocadas tão levemente. No entanto, a mesma resenha de Dik mostra um alto apreço por

o que Jakobson (1963) chamou de “modelo de meios e fins” da linguagem. Isso significa que cada fato da língua é avaliado não somente com respeito ao sistema como um todo, mas também com respeito à função primária que cumpre no contexto mais amplo da realidade extralinguística. (DIK, 1967, p. 87)

Aqui, em forma de embrião, está o princípio fundamental do que virá a se tornar a Gramática Funcional – a correlação íntima entre sistematicidade e instrumentalidade.

A primeira menção à Gramática Funcional

A primeira menção de uma gramática funcional (com artigo indefinido) ocorre na tese doutoral de Dik, publicada comercialmente como Dik (1968). Qualquer um que tivesse a expectativa de encontrar em Dik um clone de Reichling teria se espantado ao encontrar um livro escrito em inglês fluente, abraçando completamente o discurso da linguística americana; em um artigo de resenha, Matthews (1969, p. 349) comentou que se tratava de uma obra estranhamente acessível para um trabalho holandês. A tese dialoga com a Gramática Gerativa, oferecendo uma crítica das propostas transformacionistas. Ao mesmo tempo em que enfatizava os méritos da formalização gerativa, o livro criticava as transformações como panaceia para os desafios da sintaxe. Ainda assim, muitos dos objetivos primários da Gramática Gerativa, especificamente a de tentar atingir a adequação explanatória, são endossados. A maior parte das diferenças entre a posição de Dik e a dos que ele critica são questões técnicas, notavelmente sua afirmação de que funções como as de sujeito e objeto são irreduzíveis em vez de derivadas. Porém, sua crítica não parte de dentro da Gramática Gerativa, como o fizeram os semanticistas gerativos. Dik traz ideias de outras tradições, notavelmente a Tagmêmica, de Kenneth L. Pike – “[e]m grande medida... esse sistema [meu] pode ser visto como uma reconstrução particular de noções tagmêmicas” (DIK, 1968, p. 159).

O Capítulo 9 de sua tese oferece um esboço de uma gramática funcional, “não mais do que uma tentativa preliminar” (1968, p. 162). Em seu artigo de resenha, Matthews encarou esse capítulo como uma nota promissória: “Suspeita-se que [Dik] não tenha, até o momento, explorado suficientemente as implicações de seu modelo. Até que ele o faça, sua formalização atual literalmente não é digna de um momento de consideração. A formalização poderia, contudo, ser alterada” (1969, p. 358). Isso veio a acontecer realmente nos anos que se seguiram à graduação doutoral de Dik e sua rápida nomeação à cátedra de Linguística Geral em Amsterdã, surpreendentemente com apenas 28 anos. Muitos princípios embrionários da GF já podiam ser encontrados naquele esboço programático: há uma única estrutura gramatical especificando todas as distinções gramaticais relevantes (DIK, 1968, p. 163); elementos orientados para o discurso são visíveis no tratamento de sentenças gramaticalmente dependentes como parte de uma “expressão linguística independente” maior, ao mesmo tempo que Dik reconhece o problema de quantificar sua extensão – “qual é o alcance máximo?” (1968, p. 167). A influência da mentalidade da Gramática Gerativa é, contudo, evidente em sua definição de uma gramática funcional como “um sistema de regras gerando todas, e somente as bem-formadas, expressões linguísticas de uma língua em conjunto com suas descrições estruturais” (1968, p. 190) e na especificação explícita das formas e dos esquemas de regras, em sua discussão sobre recursividade, regras opcionais vs. obrigatórias,



ordenação de regras, derivação, e em sua preocupação com a adequação. Os pontos controversos da tese de Dik e sua nomeação imediata à cátedra em Amsterdã criaram as condições ideais para dar início a um turbilhão nos Países Baixos, com debates sobre o mérito ou desmérito da dissertação chegando até mesmo aos jornais nacionais. O debate também pegou fogo em periódicos, com Pieter Seuren como seu oponente principal (SEUREN, 1969; DIK, 1969).

A incubação da Gramática Funcional

Os dez anos seguintes vieram a ser o período de incubação da Gramática Funcional, com letras maiúsculas e sem artigo indefinido. Dik não foi tão produtivo nesses anos quanto viria ser nos anos seguintes, mas é notável que suas publicações, embora escritas de fora do círculo gerativista, na época em rápida expansão nos Países Baixos, atendiam a questões ativas em debates gerativistas: artigos sobre correferência cruzada, por exemplo, sobre quantificadores universais e sobre alçamento. Sobre o verbo holandês *beginnen* “começar”, Dik (1972) argumenta que sua distribuição não pode ser explicada sem referência a noções semânticas e conclui que a Semântica Gerativa possui a melhor explicação; a gramática funcional não é mencionada. Dik (1975) republicou um artigo de 1969 em um livro holandês sobre a Gramática Transformacional, colocando-se em oposição a regras transformacionais e explicitamente propondo uma gramática funcional como alternativa. A primeira obra a mencionar a Gramática Funcional, a respeito de orações interrogativas, foi Dik (1977), às vésperas do livro de 1978.

O livro *Functional Grammar*

O tiro de largada oficial da GF foi disparado em 1978, com o lançamento da obra *Functional Grammar* (‘Gramática Funcional’). Seguindo o estilo da época, o livro era datilografado, com uma bela encadernação. Em seus nove capítulos, o autor define uma implementação bem-desenvolvida e disciplinada de uma abordagem funcional da relação entre sistema e uso. Talvez a proposta central do livro seja a de que uma única representação formalizada deve ser aplicada a todas as propriedades gramaticais de uma expressão linguística.

Os elementos da assim chamada “representação subjacente” são originadas de uma ampla panóplia de influências intelectuais. Primeiramente, há, no próprio uso do termo “subjacente”, a influência profunda da Gramática Gerativa, embora, ao mesmo tempo, Dik rejeite muitas de suas crenças mais fervorosamente defendidas. Allan (2007, p. 268) está seguramente correto em observar que a GF, do mesmo modo que a Gramática de Papel e Referência, é “fortemente influenciada pela hegemonia da gramática chomskiana, e [...] de certo modo reativa a ela”. Outras influências, todas explicitamente reconhecidas, são a Gramática Relacional, de David Perlmutter, Edward Keenan e David Johnson, especificamente com respeito às funções sintáticas e à abordagem interlinguística; a Gramática de Casos, de Charles Fillmore, no que tange às funções semânticas; o trabalho de Joseph Greenberg e Bernard Comrie sobre hierarquias implicacionais; e o artigo de Emmon Bach, de 1968, intitulado “*Nouns and noun phrases*” (“Substantivos e sintagmas nominais”), para a análise de termos (ou expressões referenciais) – Bach, cabe recordar, não formaliza sua



proposta, mas insinua que ela “parece muito, em alguns aspectos, com os sistemas lógicos [de] Rudolph Carnap, Hans Reichenbach e outros” (BACH, 1968, p. 121). As representações subjacentes de Dik também tinham a aparência de (sem de fato ser) fórmulas da lógica de predicados. A influência de Reichenbach (1947, p. 306) também é aparente no tratamento de Dik dos advérbios de modo (1978, p. 52), que invoca exatamente o mesmo exemplo utilizado por Reichenbach, *Annette danced beautifully* (‘Annette dançou lindamente’)

A originalidade do livro está não só na habilidade de Dik em entrelaçar todas as influências em uma teoria coerente, mas também em conter uma ampla gama de propostas que funcionariam como hipóteses de pesquisas nos diversos anos seguintes. Uma dessas propostas foi a centralidade da entrada lexical (a ‘moldura de predicado’ – *predicate frame*), a partir da qual cada representação subjacente é construída por meio da formação de predicados, da adição de satélites, da inserção de termos e da atribuição de funções sintáticas e pragmáticas. Outra hipótese original, antecedendo a descoberta funcionalista das “motivações em competição”, era a afirmação de que um princípio de peso de constituintes, chamada LIPOC (*Language-Independent Preferred Order of Constituents* – ordem preferida dos constituintes independentemente de língua), interage na determinação da ordem de palavras com fatores deriváveis da representação subjacente.

A obra *Functional Grammar* foca na mecânica da geração de estruturas, dando relativamente pouca atenção à explicação mais geral da motivação da abordagem. A não centralidade da sintaxe está presente, mas não se insiste nela; similarmente, deixam-se de lado os fatores de processamento e discurso. O leitor fica com a sensação persistente de que, no rescaldo das discussões em torno da tese de 1968, a GF é apresentada como alternativa aos modelos gerativistas, assim como as diversas influências americanas sobre o livro surgiram em oposição ao trabalho de Chomsky.

Não é de se estranhar, então, que a obra tenha sido recebida de maneira negativa por gerativistas nos anos que se seguiram. Uma constante nessas resenhas e artigos é a acusação de que a GF era meramente uma “variante notacional” da gramática gerativa. Dik (1979, p. 45) responde a uma resenha de Hoekstra (1978) da seguinte maneira:

A tem uma ideia I. B tem uma ideia J. I não é igual a J. A critica B, reconhecendo que I não é igual a J, mas não pode provar que J está errado. Agora A argumenta que J é uma variante notacional de I, em outras palavras, que J é o mesmo que I, apenas expresso de maneira diferente. A conclusão é a de que, se B tem uma boa ideia, é porque é, na realidade, uma reformulação da ideia de A.

Como o gerativista Peterson escreveu no mesmo ano (1979, p. 139),

o uso frívolo da frase “variante notacional” como um epíteto pejorativo é de certa forma uma inanidade, pois não é verdade que o valor de uma dada teoria seja automaticamente diminuída ao se mostrar que ela é uma variante notacional de outra existente, já que, por essa linha de raciocínio, poder-se-ia chegar à conclusão tola de que o indispensável sistema matemático de análise de vetores deve ser dispensado em razão de ser apenas uma expressão alternativa das coordenadas cartesianas.

Outros ataques vieram de Koster (1982), respondido por Nuyts (1983); de Miller (1986), novamente respondido por Nuyts (1986); e de Muysken (1988), respondido por Mackenzie (1988).



O crescimento e a institucionalização da GF

A década seguinte foi uma de crescimento e institucionalização. De um trabalho de um homem só, a GF expandiu como resultado de um interesse acelerado, não por parte de outros departamentos de linguística nos Países Baixos, que eram fundamentalmente dominados em maior ou menor escala por gerativistas, mas em grande medida por parte dos departamentos de línguas (clássicas, eslavas, inglês, francês, posteriormente, espanhol e finalmente português). Encontros semanais ocorreram em Amsterdã, nos quais ideias puderam ser trocadas: um resultado típico foi o livro multiautoral *Predication and Expression in Functional Grammar* ('Predicação e expressão na Gramática Funcional' – DIK et al. 1981), publicado no Reino Unido. O completo reconhecimento internacional da GF veio com a publicação de Dik (1980a): Dik se sentiu orgulhoso em ser convidado a apresentar a GF em um congresso americano ao lado de outros linguistas americanos (defendendo a Sintaxe de Montague, a Tagmêmica, a Gramática Correpresentacional, a Sintaxe Funcional, a Gramática Gerativa, a Semântica Gerativa, a Gramática Relacional, a Gramática Equacional, a Gramática Filha-Dependente, a Teoria Estratificacional e a Gramática de Papel e Referência) e em ter sido o único capaz de oferecer uma explicação para as 17 sentenças postas como desafio aos participantes, ilustrando fenômenos de voz passiva, alternância dativa, interrogação, alçamento de sujeito, relativização, conjunção, elipse lacunar, entre outros.

Dik, então, estava produzindo no ritmo prodigioso que veio a caracterizar o auge de sua carreira. O seu livro *Studies in Functional Grammar* ('Estudos em Gramática Funcional' – 1980b) continha uma variedade de capítulos, cada um mostrando o potencial da GF para a análise e comparação de línguas sob uma perspectiva funcional. Ele também começou a promover a GF ativamente, viajando extensamente e incentivando o interesse internacional pela teoria. Uma série de congressos bienais foi lançada, cuja sucessão de locais reforça sua internacionalização crescente: Amsterdã, Antuérpia, Amsterdã, Copenhague, Antuérpia, York, Córdoba (Espanha), Amsterdã, Madri, Amsterdã, Gijón, São José do Rio Preto (SP – Brasil). Uma série de pré-artigos foi iniciada, uma fundação foi criada para auxiliar estudantes de baixa renda a participar de congressos, cursos de pós-graduação foram desenvolvidos, em resumo, todas as peças foram colocadas para a institucionalização da teoria. Coleções e monografias da GF foram publicadas na *Functional Grammar Series* ('Série Gramática Funcional') da Foris (Dordrecht, Países Baixos) e, posteriormente, Mouton de Gruyter (Berlim, Alemanha); isso foi vantajoso, mas também causou uma certa isolamento da teoria e seus praticantes.

Expandindo novos interesses e aplicações

À medida em que o grupo de praticantes da GF expandia, trazendo novas ideias e inspirações de suas formações diversas, também surgiram, no interior da comunidade da GF, novas correntes de pensamento que não estavam presentes na formulação original do modelo de Dik. O ramo espanhol da comunidade, influenciado pelo trabalho de Eugenio Coseriu (1921-2002), buscava compensar a negligência ao léxico, desenvolvendo o Modelo Lexemático Funcional, cujos descendentes ainda estão fortemente ativos na Espanha até hoje (o projeto FunGramKB, PERIÑÁN PASCUAL, 2012). O próprio Dik se dedicou a situar a GF de maneira mais ampla no cenário do funcionalismo, cf. Dik (1986), um artigo importante



sobre a explicação funcional. Ele também começou a trabalhar na implementação computacional, procurando redirecionar o foco do trabalho do grupo na importância da explicitação e geratividade. Essa medida teve apenas um impacto limitado na comunidade da GF, mas levou à publicação de Connolly e Dik (1989), co-editado com um linguista computacional, e à publicação de Dik (1992), uma implementação da GF em Prolog. Outras ideias de Dik, a de que as representações subjacentes poderiam ser utilizadas para a representação do conhecimento em aplicações de inteligência artificial e a de que uma Lógica Funcional deveria ser desenvolvida (DIK, 1987), foram recebidas com grande ceticismo. Ao mesmo tempo, a representação subjacente única estava se tornando tão complicada, devido às novas propostas, que houve certo desespero sobre a validade e possibilidade de controle do trabalho que se realizava.

Para unir e inspirar o grupo, a GF precisava de uma nova ideia, que veio de um dos estudantes de doutorado de Dik, Kees Hengeveld. Hengeveld (1989) propôs que a representação subjacente deveria consistir de quatro camadas encaixadas: as estruturas propostas por ele se mostraram capazes de explicar um grande número de fatos sobre a ordenação na sintaxe e morfologia de línguas divergentes.

The Theory of Functional Grammar e os últimos anos de Dik

A proposta de Hengeveld foi instantaneamente adotada no novo trabalho de Dik sobre a GF, Dik (1989), intitulado *The Theory of Functional Grammar* ('A teoria da Gramática Funcional'). Em certa medida, esse livro é uma expansão da apresentação inicial da GF, devendo-se a maior parte do material novo à adoção da hipótese de camadas. Observe-se o Quadro 1, que alinha os capítulos de Dik (1978) aos capítulos correspondentes de Dik (1989).

1978	1989
Preliminares	Preliminares metodológicos
	Alguns conceitos básicos da teoria
Esboço de uma Gramática Funcional	Prévia da Gramática Funcional
Predicados, molduras de predicado e predicções	A predicação nuclear
	Estados-de-coisas e funções semânticas
Sobre a função e estrutura de termos	Sobre a função e estrutura de termos
	Operadores de termos
	Predicados não verbais
	Predicação nuclear, central e estendida
Atribuição de sujeito e objeto	Mudando a perspectiva dos Estados-de-coisas: a atribuição de sujeito e objeto
	Reconsiderando a hierarquia das funções semânticas
	Predicação, proposição, oração
Funções pragmáticas	Funções pragmáticas
Regras de expressão	Regras de expressão
	A operação das regras de expressão
Ordenação de constituintes	Princípios da ordenação de constituintes
Princípio independente de língua da ordenação de constituintes	Ordenação de constituintes: problemas e complicações
	Traços prosódicos

Quadro 1. Capítulos de Dik (1978) e Dik (1989)



À despeito dos paralelos na estrutura, a avaliação de Anstey (2004, p. 42) de que esse novo livro “não é tão diferente” é um pouco dura. Dik (1989) é completamente mais confiante do que seu antecessor, vigorosamente afirmando a posição da GF no paradigma funcional. O livro também é orientado, desde a primeira página, ao usuário da língua, levantando permanentemente questões sobre a realidade psicológica, aquisição e uso. Além disso, é mais europeia do que a versão de 1978, fortemente orientada para os EUA, com referências aos trabalhos de Östen Dahl, Michael Halliday, John Hawkins e Christian Lehmann, libertando-se do paradigma gerativo. A influência de Kees Hengeveld, cuja primeira publicação data de 1986, é notória: ele é o autor mais citado, julgando-se pelo índice de autores. Sua proposta de camadas teve o oportuno efeito subsidiário de aliviar o peso da representação subjacente monoestratificada, agora amplamente modificada. Uma inovação importante foi a introdução de uma camada ilocucionária, que trouxe a GF muito mais perto da pragmática dos atos-de-fala do que a versão de 1978 jamais pôde – o que veio a ser da maior importância nos anos seguintes.

O livro estava programado para ser a primeira parte de uma obra em dois volumes. A segunda parte foi publicada, mas em 1997, dois anos após o falecimento inesperado de Dik, aos 55 anos. De 1989 em diante, Kees Hengeveld se tornou o colaborador mais próximo de Dik e, quando Dik adoeceu em 1992, Hengeveld continuou a trabalhar com ele na segunda parte do livro. Hengeveld também supervisionou a publicação póstuma em 1997, juntamente com uma re-impressão levemente editada da Parte I. Os dois volumes resultantes permanecem como a apresentação definitiva da teoria.

A Parte II é repleta de aplicações da GF, de certo modo lembrando Dik (1980b). O que é notável é que os primeiros nove capítulos lidam com o tipo de questões tratadas em versões anteriores da GF, mas na segunda metade do livro surgem novas questões relacionadas à interface entre gramática e discurso, tais como anáfora, ilocução, foco e constituintes extraoracionais; finalmente, no último capítulo, Dik esboça “uma gramática funcional do discurso”. Nessa parte as referências são variadas, como Larry Hyman, William Labov, Robert Longacre e Joseph Grimes.

A dissipação da GF e o surgimento da Gramática Discursivo-Funcional

A atenção que Dik (1997) deu ao discurso refletiu uma crescente onda de interesse dos praticantes da GF no quanto a teoria poderia cobrir, não somente o impacto do discurso na estrutura sintática, mas também o próprio discurso. Após o falecimento de Dik, surgiu a ideia de que segmentos de texto poderiam ser analisados recorrendo-se a camadas encaixadas. Essa assim chamada hipótese das “camadas superiores” foi contestada por outros colegas que insistiam na incomensurabilidade entre a gramática das sentenças e o discurso e duvidavam que o discurso pudesse ser reduzido a uma estrutura da mesma forma que as orações.

A resolução veio no ano 2000. Em um congresso da GF em Madri, Kees Hengeveld, agora sucessor de Dik como professor de Linguística Teórica em Amsterdã, propôs um novo modelo que sintetizava os dois pontos de vista conflitantes e corrigia diversas limitações do modelo existente. Hengeveld sugeriu que o novo modelo deveria se chamar Gramática Discursivo-Funcional, e o nome foi aceito. A GDF tinha como proposta a ideia de que a divisão em camadas deveria ser aplicada não somente aos aspectos ideacionais-representacionais da organização linguística (como na GF), mas também aos aspectos



interacionais-ilocucionários; ao mesmo tempo, o novo modelo respeitava a perspectiva dos que enfatizavam a incomensurabilidade entre o discurso e a gramática. Isso foi conseguido distinguindo-se níveis separados no interior da gramática, cada um com sua própria organização interna em camadas: os Níveis Interpessoal e Representacional, respectivamente. A GDF também limitou o escopo de análise à Intervenção (ingl. Move), excluindo qualquer ambição de se oferecer uma “gramática do texto”. Hengeveld também esboçou dois outros níveis de análise, agora chamados de Níveis Morfosintático e Fonológico, ambos divididos em camadas organizadas hierarquicamente, do mesmo modo que os Níveis Interpessoal e Representacional. A GDF (cf. HENGEVELD; MACKENZIE, 2008) surgiu, e lenta, mas efetivamente, as peças da engrenagem da GF foram desaparecendo: a série de livros foi encerrada; os congressos foram renomeados; a série de pré-artigos se tornou *Web Papers in FDG*. A história da GDF ainda não está pronta para ser contada, mas, em 2010, no momento do primeiro congresso internacional da GDF em Lisboa, a GF havia encerrado seu percurso.

O estado atual da GF

O quanto a GF ainda está sendo lida e integrada na linguística atual pode ser medido considerando-se as citações de Simon Dik em publicações recentes, conforme calculado pelo software *Publish or Perish*, de Anne-Wil Harzing, baseado no Google Acadêmico e disponível em <http://www.harzing.com/resources/publish-or-perish>. É imediatamente aparente pela aplicação dessa ferramenta que seus livros são mais citados do que seus artigos monoautorais, sendo o mais cotado, com um total de 5367 citações em 10 de setembro de 2016, sua *magnum opus* de 1989 e 1997; a segunda obra mais citada é o livro *Functional Grammar* de 1978 (92 citações), seguido pela versão comercial de sua tese de doutorado, *Coordination* (‘Coordenação’), de 1968, com 83 citações na mesma data. As citações vêm, predominantemente, da Europa (especialmente França, Alemanha e Espanha) e América do Sul (especialmente Brasil e Chile); o trabalho de Dik é pouco citado na América do Norte e Ásia.

Considerando apenas as citações entre 2013 e 2016, pode-se notar que elas entram em diversas categorias:

- a. uma referência padrão ao funcionalismo, frequentemente em conjunto com nomes de outros funcionalistas importantes;
- b. um quadro teórico para teses de doutorado, especialmente na aplicação de terminologia, definições e taxonomias propostas por Dik (por exemplo, com relação a tipos de entidades, aspecto verbal, funções semânticas, foco e ilocução);
- c. uma contextualização para o trabalho com o léxico e ontologias, especialmente no projeto FunGramKB, mencionado anteriormente (Dik, 1981, a tradução em espanhol de Dik, 1978, tem atualmente mais citações (99) do que o original);
- d. uma inspiração para a “Gramática Tética” (KALTENBÖCK; HEINE; KUTEVA, 2011).

Também é revelador considerar quais áreas do trabalho de Dik não são mais citadas. Não há evidências que apontem para a relevância e uso da implementação computacional da GF; Connolly e Dik (1989) foi citado somente duas vezes desde 2010, em ambas as ocasiões pelo grupo FunGramKB. Além disso, tipologistas raramente recorrem à obra de Dik, embora



ele ainda seja popular entre linguistas que realizam trabalhos descritivos com orientação tipológica.

Conclusão

A totalidade do corpo de trabalho produzido sob a bandeira da Gramática Funcional é extensa. Não há dúvida de que a GF, desde o artigo sobre as 17 sentenças (DIK, 1980a) em diante, causou um impacto significativo no mundo da linguística, estabelecendo-se como uma teoria funcional moderada, entre as abordagens que somente oferecem um adendo à Gramática Gerativa e as que rejeitam qualquer tipo de formalização, aproximando-se da análise do discurso. Mudanças impressionantes ocorreram nas últimas duas décadas, com o advento dos *corpora* de bilhões de palavras, redes interlinguísticas de palavras e megabancos de dados tipológicos. A GF ainda é considerada relevante para diversos pesquisadores que se esforçam em trazer ordem à profusão de dados agora disponíveis para eles.

REFERÊNCIAS

ALARCOS LLORACH, E. *Estudios de gramática funcional del español*. Madri: Gredos, 1972.

ALLAN, K. *The Western Classical Tradition in Linguistics* (Equinox Textbooks & Surveys in Linguistics). Londres: Equinox, 2007.

ANSTEY, M. P. Functional Grammar from its Inception. In: MACKENZIE, J. L.; GÓMEZ-GONZÁLEZ, M. A. (Orgs.). *A New Architecture for Functional Grammar* (Functional Grammar Series, 24). Berlim e Nova York: Mouton de Gruyter, 2004, p.23-72.

BACH, E. Nouns and Noun Phrases. In: BACH, E.; HARMS, R. T. (Orgs.). *Universals in Linguistic Theory*. Nova York: Holt, Rinehart & Winston, 1968, p.91-122.

BONDARKO, A. V. *Functional Grammar: A Field Approach* (Linguistic and Literary Studies in Eastern Europe, 35). Amsterdã: John Benjamins, 1991.

BRESNAN, J. *Lexical Functional Syntax* (Blackwell Textbooks in Linguistics). Londres: Blackwell, 2001.

BUTLER, C. S. *Structure and Function: A Guide to Three Major Structural-Functional Theories*. 2 parts (Studies in Language Companion Series, 63-64). Amsterdã: John Benjamins, 2003.

CONNOLLY, J. H.; DIK, S. C. (Orgs.). *Functional Grammar and the Computer*. Dordrecht: Foris, 1989.

DIK, S. C. Review of Vachek (1966). *Lingua*, v.18, p.80-89, 1967.



DIK, S. C. *Coordination: Its Implications for the Theory of General Linguistics*. Amsterdã: North-Holland, 1968. (2a. impressão 1972).

_____. Seuren over Coordination. *De Gids*, v.132, p.243-262, 1969.

_____. Beginnen: semantische en syntaktische eigenschappen. *Spektator*, v.2, p.165-179, 1972.

_____. Oppervlaktestructuur en dieptestructuur. In: HULSHOF, H. (Org.) *Transformationeel-generatieve grammatica in artikelen*. Groninga: Wolters-Noordhoff, 1975, p.75-97.

_____. Vraagzinnen in een Funktionele Grammatika. *Spektator*, v. 6, p.407-412, 1977.

_____. *Functional Grammar*. Amsterdã: North-Holland, 1978.

_____. Over Funktionele Grammatika. *Forum der Letteren*, v. 20, p.42-51, 1979.

_____. Seventeen Sentences: Basic Principles and Application of Functional Grammar. In: MORAVCSIK, E.; WIRTH, J. R. (Orgs.) *Syntax and Semantics 13: Current Approaches to Syntax*. Nova York: Academic Press, 1980, p.45-75.

_____. *Studies in Functional Grammar*. Londres e Nova York: Academic Press, 1980.

_____. *Gramática funcional*. Tradução de Fernando Serrano Valverde e Leocadio Martin Mingorance. Madri: Sociedad General de Librería, 1981.

_____. On the Notion 'Functional Explanation'. *Belgian Journal of Linguistics*, v.1, p.11-52, 1986.

_____. Linguistically Motivated Knowledge Representation. In: NAGAO, M. (Org.). *Language and Artificial Intelligence*. Amsterdã: North-Holland, 1987, p.145-170.

_____. *The Theory of Functional Grammar*. Part 1: The Structure of the Clause. Dordrecht: Foris, 1989.

_____. *Functional Grammar in Prolog: An Integrated Implementation for English, French, and Dutch*. Berlim: Mouton de Gruyter, 1992.

_____. *The Theory of Functional Grammar*. 2 vols., ed. por K. HENGEVELD. Berlim e Nova York: Mouton de Gruyter, 1997.

DIK, S. C.; BOLKESTEIN, A. M.; COMBÉ, H. A.; GROOT, C. de; GVOZDANOVIĆ, J.; RIJKSBARON, A.; VET, Co. *Predication and Expression in Functional Grammar*. Londres e Nova York: Academic Press, 1981.



GARCÍA VELASCO, D. *Funcionalismo y lingüística: La Gramática Funcional de S. C. Dik*. Oviedo: Universidad de Oviedo, 2003.

GROOT, C. de; HENGEVELD, K. *Bibliography of the Published Works of Simon C. Dik*, 1996.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. *Halliday's Introduction to Functional Grammar*. 4. ed. Londres: Routledge, 2013.

HENGEVELD, K. Copular Verbs in a Functional Grammar of Spanish. *Linguistics*, v.24, n.2, p.393-420, 1986.

_____. Layers and Operators in Functional Grammar. *Journal of Linguistics*, v.25, n.1, p.127-157, 1989.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. *Functional Discourse Grammar: A Typologically-Based Theory of Language Structure*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

HOEKSTRA, T. Funktionele grammatika: Naar aanleiding van S. C. Dik, Functional Grammar. *Forum der Letteren*, v.19, p.293-312, 1978.

JAKOBSON, R. Efforts towards a Means-Ends Model of Language in Interwar Continental Linguistics. In: MOHRMANN, C.; NORMAN, F.; SOMMERFELT, A. (Orgs.). *Trends in Modern Linguistics*. Utreque e Antuérpia: Spectrum, 1963, p.104-108.

KALTENBÖCK, G.; HEINE, B.; KUTEVA, T. On Thetical Grammar. *Studies in Language*, v.35, n.4, p.852-897, 2011.

KOOIJ, J. G. Simon Cornelis Dik. *Jaarboek van de Maatschappij der Nederlandse Letterkunde 2001*. Leiden: Maatschappij der Nederlandse Letterkunde, 2002, p.62-66.

KOSTER, J. Recensie van S. C. Dik, Studies in Functional Grammar. *De Nieuwe Taalgids*, v.75, p.360-369, 1982.

MACKENZIE, J. L. Functionele Grammatica: een thema, geen variatie. *TTT, Interdisciplinair tijdschrift voor Taal- en Tekstwetenschap*, v.8, p.47-56, 1988.

MARTINET, A. *Grammaire fonctionnelle du français*. Paris: Didier et St-Cloud, 1979.

MATTHEWS, P. Review Article on Dik (1968). *Lingua*, 23, p.349-361, 1969.

MILLER, P. On Certain Formal Properties of Dik's Functional Grammar. *Belgian Journal of Linguistics*, v.1, p.171-222, 1986.

MUYSKEN, P. C. Taalkunde in F-groot en F-klein. *TTT, Interdisciplinair tijdschrift voor Taal- en Tekstwetenschap*, v.8, n.1, p.35-46, 1988.



NUYTS, J. Funktionale grammatika: een notationele variant? *De Nieuwe Taalgids*, v.76, p.19-26, 1983.

NUYTS, J. What Formalists Seem not to Understand about Functionalism. *Belgian Journal of Linguistics*, v.1, p.223-238, 1986.

PERIÑÁN PASCUAL, C. En defensa del procesamiento del lenguaje natural fundamentado en la lingüística teórica. *Onomázein*, v.26, p.13-48, 2012.

PETERSON, T. H. Constraining Grammars through Proper Generalization: Multiple Order Grammar. In: MEISEL, J. H.; PAM, M. D. (Orgs.). *Linear Order and Generative Theory*. Amsterdã: John Benjamins, 1979, p.99-163.

REICHENBACH, H. *Elements of Symbolic Logic*. Nova York: Macmillan, 1947.

SEUREN, P. A. M. Echte en onechte taalkunde. *De Gids*, v.132, p.25-42, 1969.

SIEWIERSKA, A. *Functional Grammar* (Linguistic Theory Guides). Londres: Routledge, 1991.

VACHEK, J. *The Linguistic School of Prague: An Introduction to its Theory and Practice*. Bloomington, Ind. e Londres: Indiana University Press, 1966.